

# José (Zé) Esteves



*“À Miss Patrício, colega e amiga,  
também ela fundadora da cinquentenária instituição”*

*Três curiosas recordações do “meu/nosso”, Liceu de Oeiras, por um velho fundador.*

## 1 - O “CURIOSO” COMEÇO DO LICEU

Em 1951, eu estava como professor no Liceu D. João III, em Coimbra e tinha como parceiro favorito de uma espécie de ténis jogado no “ginásio”, o jovial colega de Desenho, um tal Arcidres Correia y Alberty.

No ano lectivo seguinte, concorri a Oeiras, onde se inaugurava um esplêndido edifício, mas que, após uma visita preliminar, verifiquei ter as mesmas insuficiências que já sentira em Coimbra, apenas com um largo espaço no exterior a pedir algumas inovações.

Aconteceu, entretanto, ter contactado, com o meu colega e amigo Américo Fontes, o Dr. Marcelo Caetano, a propósito de uma alteração administrativa em curso. Este, ao saber da minha colocação em Oeiras, contou-nos como nasceu a ideia da criação do Liceu: o então ministro da Educação, Caeiro da Mata, fora abordado por um seu amigo pessoal e sócio numa conhecida livraria de Lisboa, o Sr. Brandão, proprietário em Oeiras da Quinta do Marquês, que ofereceu, sem encargos para o Estado, uns terrenos para que fosse construída uma escola. Os seus argumentos fundamentavam-se nos grandes benefícios que os jovens dos concelhos de Oeiras e Cascais iriam ter e, simultaneamente, na valorização dos inúmeros lotes já em venda no local, para moradias unifamiliares e consequente aprovação de algumas torres para habitação. Assim nasceu a Nova Oeiras.

Ou seja, o Liceu surgiu porque o ministro quis fazer um favor ao seu amigo.

Mas ainda mais significativo e que tinha a ver com o pensamento oficial da época, foi uma afirmação feita pelo ministro

da Educação da altura. Pires de Lima, na cerimónia de inauguração, que disse textualmente “Estou aqui hoje a inaugurar o último liceu, pois do que nós precisamos, agora, é de escolas técnicas e por isso, repito, este vai ser o último...”.

Ou seja, quantos mais liceus pior, pois eram os potenciais focos de contestação à ordem estabelecida.

## 2 – A “CURIOSA” PREOCUPAÇÃO DE TAPAR OS CORPOS E A “CURIOSÍSSIMA” PROIBIÇÃO DE CONVERSAS ENTRE ALUNOS E ALUNAS.

Quando cheguei a Oeiras e antes de ter construído a casa onde ainda hoje habito, instalei-me numa pensão, em Santo Amaro, a “Manecas”, onde já estavam o António Garcia, professor de Canto Coral e o Eduardo Brás, o chefe da Secretaria.

Com a praia perto, era impossível resistir às grandes futeboladas, onde vim a conhecer alguns dos meus novos alunos, de que recordo os comentários mais risonhos e inesperados dos manos Villaverde Cabral.

Futebol em tronco nu, o que era então ilegal, porque imoral...

Ilegalidade decretada por um grupo de representantes de vários sectores da vida nacional, entre os quais um sacerdote do Patriarcado e um oficial superior da Marinha, que decidiu que os factos de banho deviam ser de uma peça para ambos os sexos.

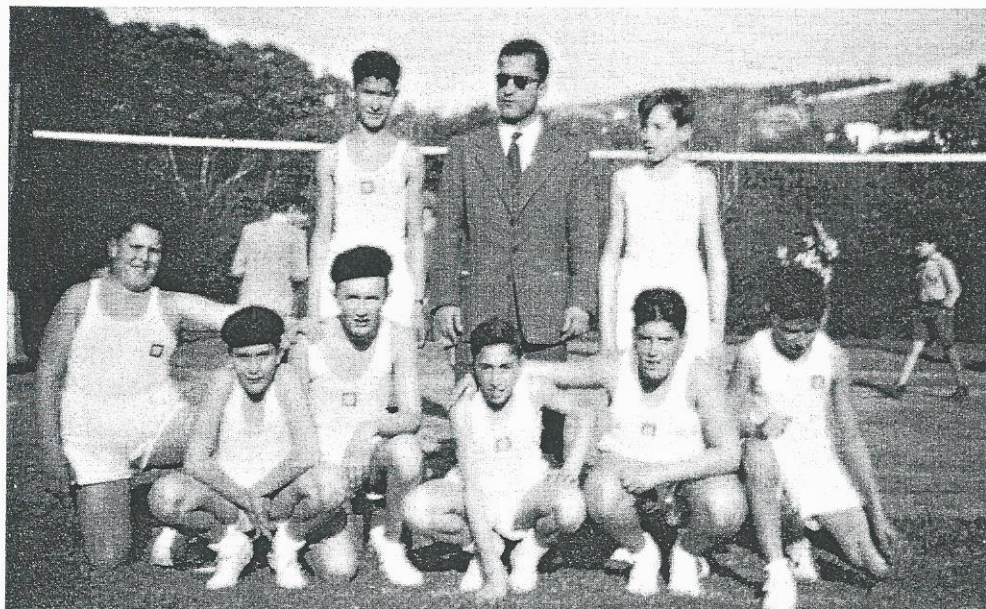
Nos homens para taparem os contornos dos genitais, como se fosse um pecado tê-los, para as mulheres, com o intuito de

tapar o umbigo e a nudez do meio do corpo, diabolizando o uso dos emergentes “bikinis” – tudo devidamente policiado pelos “Cabos do Mar”.

Mas também no Liceu, claro, havia normas correspondentes, em especial no respeitante ao vestuário das raparigas, obrigadas, nas aulas de ginástica, a usarem blusas largas e saias-calções, a taparem grande parte das coxas, e com número de centímetros, acima do joelho. Quanto aos rapazes, eu desrespeitava as leis, deixando-os à vontade, de tronco nu, com a benção do Reitor, é verdade...

Era, no entanto, difícil ultrapassar a proibição de elas verem as aulas deles e vice-versa.

E nas salas de aula, das outras disciplinas, as raparigas ocupavam as carteiras das primeiras filas, saíam no final pelo lado oposto





ao dos rapazes e havia a mais absurda proibição de falarem uns com os outros, nos intervalos, onde quer que fosse, no Liceu.

Recordo-me dos desabafos do Reitor, Mexia de Brito, sobre as queixas dos indignados pais que o procuravam para saber do porquê da proibição dos seus filhos e filhas não poderem falar com os seus amigos de sempre, alguns de infância, de convivência diária, nas suas casas, ou terem de o fazer às escondidas...

Isto para além das censuras institucionais pelo não cumprimento das leis aprovadas pela Assembleia Nacional, a que eu chamava da Assembleia da União Nacional...

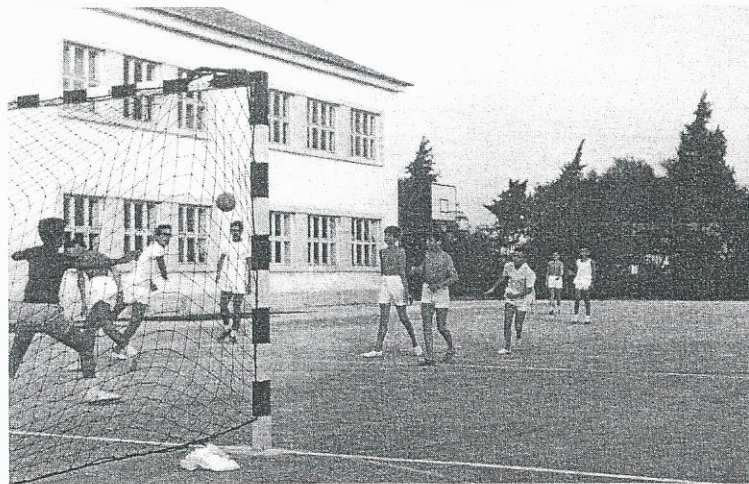
### 3 - A “CURIOSA”, MAS EFECTIVA AMPLIAÇÃO DO LICEU

Com a frequência escolar a subir espectacularmente de ano para ano, o Reitor começou a ficar atrapalhado, com a falta de instalações.

Mas, um dia, ele soube que o pai de dois alunos aparecia no Liceu, às segundas-feiras de manhã, exclusivamente para comprar as senhas dos almoços dos seus rapazes, depois de saber que eles gastavam o dinheiro em amendoins e chupas, senhas que eram logo entregues ao rigoroso Sr. Dias, e assim poder controlar os maus costumes alimentares do João e do Diogo, os tais...

Sucedia que esse encarregado de educação era, no governo em funções, o Sub-Secretário das Obras Públicas. O Reitor resolveu ficar de atalaia para, sem descanso, pedir os bons ofícios do, aliás simpatiquíssimo, engenheiro Saraiva e Sousa, com vista às indispensáveis ampliações.

Numa dessas vezes, eu aproximei-me, para falar das minhas pretensões específicas na Educação Física e ouvi este pedacinho significativo de conversa:



“O senhor Reitor está, simplesmente e novamente, e faz muito bem, a pedir a metade da ala que nós tínhamos previsto para aquele lado do terreno, no projecto inicial, mas que não pudemos concretizar porque o Presidente do Conselho decidiu eliminá-la!”

Muito surpreendido, meti-me na conversa, perguntando: “Mas o Homem permite-se interferir em tais assuntos?”. A resposta foi uma risada, um alto levantar da mão e um muito expressivo monossílabo: “Oh!”. Ou como quem diz “Se você soubesse!”.

No entanto, quase de forma clandestina, o Reitor obteve as suas novas instalações e eu ganhei duas pequenas mas funcionais “salas de ginástica”, assim como vários campos desportivos ao ar livre.

Acho que foi a minha única ideia a ser realmente concretizada em toda uma longa vida profissional, que foi mesmo muito reivindicativa, lá isso é verdade...

